
REGO, Renato Leão; JANUÁRIO, Isabella Caroline; AVANCI, Renan Augusto. Uma outra estratégia projetual: Arquitetura em Curitiba nos anos 1960-1970. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 00-00, dez.. 2022

data de submissão: 16/05/2021
data de aceite: 21/06/2021

Uma outra estratégia projetual: Arquitetura em Curitiba nos anos 1960-1970

Renato Leão Rego, Isabella Caroline Januário
e Renan Augusto Avanci

Renato Leão REGO é Doutor em Arquitetura pelo Universidad Politécnica de Madrid, Espanha(1994); Professor titular da UEM; rrego@uem.br

Isabella Caroline JANUÁRIO é Doutoranda da UEM; isajanu.arq@gmail.com

Renan Augusto AVANCI; Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UEM; renanavanci@hotmail.com

Resumo

Em 1977, o arquiteto brasileiro Jaime Lerner reformulou seu projeto para o campus universitário da Universidade Estadual de Maringá (UEM), originalmente proposto em 1971. Na nova proposta, o arquiteto sediado em Curitiba adotou uma abordagem fortemente vinculada ao meio social e ao entorno físico. A alteração na estratégia projetual parece ter respondido a proposições internacionais que reagiam ao pensamento modernista. Diante deste fato, este trabalho averigua a repercussão do ideário pós-modernista na (e desde a) capital paranaense nos anos 1960 e 1970, a partir do reconhecimento do acervo então disponível na biblioteca da Universidade Federal de Curitiba e da observação de certas passagens da trajetória profissional de Lerner, e considera seus projetos para o campus da UEM, a praça 29 de Março e a rua XV de Novembro, ambas em Curitiba. Apoiado no método histórico-interpretativo e na argumentação lógica, este estudo de caso envolve metodologia de projeto, análise contextual e estudos sobre a circulação global de ideias para mostrar que a arquitetura – inventiva, inovadora – produzida em Curitiba naquele período esteve mais sujeita a considerações pós-modernistas do que reconheceram seus projetistas e, com isso, identifica uma prática projetual que capitalizou com os aspectos socioculturais e ambientais. **Palavras-chave:** metodologia de projeto, circulação de ideias, arquitetura pós-modernista, arquitetura brasileira, Curitiba.

Abstract

In 1977 Brazilian architect Jaime Lerner reformulated his design for the campus of the State University of Maringá (UEM), originally proposed in 1971. In the new proposal, the Curitiba-base architect adopted an approach strongly related to the social milieu and physical environment. The change in the design strategy seems to have responded to overseas propositions which reacted against the modernist thinking. This paper thus examines the repercussion of post-modernist ideas in (and from) Paraná capital city in the 1960s and 1970s by acknowledging the collection held in the Curitiba Federal University library; observing certain episodes of Lerner's professional trajectory; and considering his designs for the UEM campus; the square 29th March and street XV Novembre, both in Curitiba. Relying upon historical-interpretative method and logical argumentation, this case study involves design methodology, contextual analysis, and studies about the global diffusion of ideas. It aims to show that the inventive and innovative architecture produced in Curitiba in that period was more subject

to post-modernist considerations than its designers acknowledged and, accordingly, recognize a design practice that capitalized on environmental, social and cultural aspects.

Keywords: design methodology, circulation of ideas, post-modernist architecture, Brazilian architecture, Curitiba.

Resumen

En 1977, el arquitecto brasileño Jaime Lerner reformuló su proyecto para el campus universitario de la Universidad Estatal de Maringá (UEM), originalmente propuesto en 1971. En la nueva propuesta, el arquitecto establecido en Curitiba adoptó un abordaje fuertemente vinculado al medio social y al entorno físico. El cambio en la estrategia proyectual parece haber respondido a proposiciones internacionales que reaccionaban al pensamiento modernista. Delante de este hecho, este trabajo averigua la repercusión del ideario pos-modernista en (y desde) la capital paranaense en los años 1960 y 1970, a partir del reconocimiento del acervo disponible en la biblioteca de la Universidad Federal de Curitiba y de la observación de ciertos pasajes de la trayectoria profesional de Lerner, y considera sus proyectos para el campus de la UEM, la Plaza 29 de Marzo y la calle XV de Noviembre, ambas en Curitiba. Apoyado en el método histórico-interpretativo y en la argumentación lógica, este estudio de caso relaciona metodología de proyecto, análisis contextual y estudios sobre la circulación global de ideas para enseñar que la arquitectura – inventiva, innovadora – producida en Curitiba en aquel período estuvo más sujeta a consideraciones pos-modernistas de lo que han reconocido sus proyectistas y, con eso, identifica una práctica que ha capitalizado con los aspectos socioculturales y ambientales.

Palabras-clave: metodología de proyecto, circulación de ideas, arquitectura pos-modernista, arquitectura brasileña, Curitiba.

Introdução

A arquitetura produzida nos anos 1970 por um grupo de arquitetos sediado em Curitiba foi amplamente premiada. Foram quase quarenta projetos classificados em concursos nacionais somente naquela década; entre o final dos anos 1950 e meados de 1970 foram mais de oitenta premiações concedidas a equipes paranaenses. São aproximadamente dez primeiros prêmios nos anos 1970 e, na década anterior, sete (cf. GNOATO, 2002; PACHECO, 2004; PACHECO, 2010; JANUÁRIO, 2018). Esta produção foi chamada de “dialeto” da arquitetura paulista (SEGAWA, 1986, p. 32) e “matéria segunda” (ZEIN, 1986, p. 29), já que muitos destes projetistas se graduaram em São Paulo, onde se produzia a expressão hegemônica da arquitetura brasileira naquele momento – o brutalismo paulista.

Em geral, a arquitetura coproduzida por estes projetistas é híbrida, já que sua composição se revela menos restritiva, menos uniforme, e menos dogmática do que a arquitetura modernista do Brasil dos anos 1960 e 1970. Com efeito, em 1977, os arquitetos Jaime Lerner e Domingos Bongestabs reformularam seu projeto para o campus universitário da Univer-

¹ As datas dos planos propostos para a Universidade Estadual de Maringá referem-se à apresentação do anteprojeto, sendo que os estudos preliminares foram preparados no ano precedente.

sidade Estadual de Maringá, originalmente proposto em 1971.¹ Na nova proposta, os arquitetos adotaram uma abordagem fortemente vinculada ao meio social e ao entorno físico, em contraste com a conformação abstrata e modernista da primeira versão. Esta alteração na estratégia projetual repercutiu proposições internacionais que reagiam ao pensamento modernista (REGO; JANUÁRIO; AVANCI, 2020).

Com isso, este trabalho explora possíveis referências para a abordagem inovadora e do pensamento criativo destes arquitetos. Reconhecendo que os fundamentos da arquitetura e do urbanismo modernistas estavam então sob crítica, revisão e redirecionamento, este trabalho averigua se – e como – ideias pós-modernistas podem ter estimulado o trabalho destes arquitetos sediados em Curitiba. Ideias pós-modernistas são aqui entendidas como aquelas expressões do pensamento e intenções projetuais que estabeleceram “uma despedida da modernidade, na medida em que quer fugir das suas lógicas de desenvolvimento”, colocando-se “não apenas como novidade em relação ao moderno, mas também como dissolução da categoria do novo” (VATTIMO, 1996, p. VII e IX). Como um estudo de caso, este trabalho foca o trabalho de Jaime Lerner, arquiteto, urbanista e engenheiro civil, professor, presidente do IPPUC e líder político que promoveu o trabalho dos colegas. Através da observação da trajetória, do discurso e da experiência profissional de Lerner e apoiado no método histórico-interpretativo e na argumentação lógica, o trabalho envolve metodologia de projeto, análise contextual e estudos sobre a circulação global de ideias.

O texto está dividido em três partes. A primeira delas retoma certas passagens da trajetória do projetista Jaime Lerner para revelar uma rede de conexões capaz de fomentar a circulação de ideias. A segunda parte explora autores, obras e ideias contemporâneas relacionadas à arquitetura e ao urbanismo através do acervo da biblioteca da Universidade Federal do Paraná, onde Lerner estudou e lecionou. A terceira parte analisa os princípios projetuais de três obras que contaram com a participação, direta ou indireta, de Lerner, a fim de apontar uma – possível, plausível e até mesmo provável – repercussão de certos aurores e ideias precedentes que contribuíram para a construção da arquitetura e do urbanismo pós-modernistas.



Conexões profissionais e circulação de ideias

A trajetória profissional de Jaime Lerner encadeia experiências significativas em contextos estimulantes: o trabalho em São Paulo em 1961, com o arquiteto David Libeskind, e em Paris no ano seguinte, entre fevereiro e outubro de 1962; a colaboração com seu sócio, o arquiteto Domingos Bongestabs, desde 1963; a docência em Curitiba em 1965 e em Brasília em 1968; a presidência do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), entre 1968 e 1969; e o desenvolvimento do projeto do Kursaal, em Sán Sebastián em 1969. Lerner tem dupla graduação: em engenharia civil em 1961 e arquitetura e urbanismo em 1965; teve uma formação atrelada ao ideário da arquitetura modernista, mas travou contato com a revisão crítica destas ideias e com proposições decorrentes dela. Pois Lerner trabalhou no escritório parisiense de Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods, arquitetos ligados ao Team 10, responsáveis pela ruptura dos CIAMs e pela dissensão no seu pensamento (LERNER, 2011; BERRIEL; SUZUKI, 2012, p. 109-124; REGO; JANUÁRIO; AVANCI, 2020; SMITHSON, 1968).

Lerner se revelou um dos muitos coadjuvantes em cena sem protagonista, na medida em que a produção da arquitetura curitibana deste período é eminentemente marcada pelo trabalho colaborativo – ou, nas palavras de Pougy (2021, p. 27), por uma visão solidária. As equipes premiadas nos vários concursos realizados nos anos 1960 e 1970 estavam formadas por associações variadas de arquitetos e professores, por vezes incluindo estagiários e alunos. Estes projetistas, por vezes referidos como ‘grupo do Paraná’ apesar de nunca terem se autodenominado assim, somavam duas dezenas de profissionais atuando em equipes variadas. Além de Lerner, estavam entre eles Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi, Roberto Luiz Gandolfi, Lubomir Ficinski, Domingos Bongestabs, Marcos Prado, Vicente de Castro Neto, Alfred Willer, Abrão Assad, José Hermeto Palma Sanchoatene, Oscar Mueller, Joel Ramalho Junior, Leonardo Tossiaki Oba, Guilherme Zamoner, Rubens Sanchoatene, Ariel Stelle, Aldo Matsuda, Renato Mueller, Orlando e Dilva Busarello (PACHECO, 2010; PACHECO, 2004; JANUÁRIO, 2018; SILVA, 2018).

Diferentemente de Oscar Niemeyer ou Vilanova Artigas e distantes da crítica social que marcou a escola paulista, este grupo de arquitetos não demonstrava uma vinculação ideológica categórica – apesar do pa-

pel político de Lerner. E, do mesmo modo, uma postura pragmática pode ser notada na tomada de decisões em cada projeto, assim adotando estratégias específicas e variadas (JANUÁRIO, 2018). Com efeito, no começo dos anos 1970, Tafuri (1976, p. IX) reclamava da arquitetura contemporânea “obrigada a retornar à pura arquitetura, à forma sem utopia”.

Lerner também lecionou como professor substituto na Universidade de Brasília (UnB) junto com os colegas Ficinski, Forte Netto, Marcos Prado e Roberto Gandolfi. Muitos deles também atuaram no IPPUC e na Universidade Federal do Paraná. O período em Brasília, que Lerner menciona como um dos “melhores da sua vida profissional”, foi convivido com arquitetos docentes oriundos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, com destaque para Sylvio de Vasconcellos, então chefe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Minas Gerais (cf. BERRIEL; SUZUKI, 2012, p. 114). Com isso, devemos ter em conta que a universidade e o processo de ensino e aprendizagem são sempre laboratórios de experimentos e fomento para novas ideias.

Viagens como aquelas realizadas por Lerner também são veículos para a difusão de ideias. Pois, aqui e acolá, todo indivíduo está situado em redes e comunidades de trabalho através das quais suas ideias se desenvolvem. Ademais,

“people have always travelled from place to place, offering suggestions about ways of solving problems or improving conditions in one place based on their experiences in other places” (HEALEY; UPTON, 2010, p. 1 e 5).²

² As pessoas sempre viajaram de um lugar a outro oferecendo sugestões sobre como resolver problemas ou melhorar as condições locais a partir de suas experiências em outros locais. (Tradução dos autores).

Experiências como as de Lerner são também janelas de oportunidade para aprendizado, reflexão crítica e intercâmbio; são possibilidades de desconstrução e reconstrução pessoal. O pensamento e a percepção de um arquiteto a respeito do mundo que o rodeia, em paralelo a outros pensadores, somam-se ao processo criativo, naturalmente. Em todo caso, é preciso reconhecer que a difusão de ideias entre pessoas e em diferentes contextos e em tempos distintos passa por processos complexos. Estes processos envolvem tradução, interpretação e adaptação, nos quais frequentemente se notam o uso seletivo e a recriação imaginativa das ideias originais (HEALEY; UPTON, 2010, p. 4-5; WARD, 2018).

Além das viagens, exposições, congressos, certames e relações interpessoais como veículos de difusão de ideias, temos que considerar os livros e as revistas.



Enquanto ideias viajam com as pessoas, publicações independem da migração e dos deslocamentos pessoais, contribuindo igualmente para a circulação de ideias de arquitetura e urbanismo. É certo que publicações podem ficar restringidas por fronteiras linguísticas e culturais, mas as imagens não se limitam pela linguagem (SANDOVAL-STRAUSZ; KWAK, 2018, p. 117). É também verdade que o fato de termos à disposição livros e revistas não significa que seu conteúdo tenha sido absorvido; mas indica um possível contato com ideias em circulação.

Diante de uma notável repercussão de certas ideias em circulação no resultado projetual aqui considerado, ainda que mais ou menos consciente ou não deliberada, uma eventual sintonia pode lançar luz no processo de projeto – subjetivo, nem sempre linear – e aclarar um panorama mais amplo para os historiadores. Nesse sentido, rastreamos textos e imagens no acervo da escola de arquitetura de Curitiba, onde Lerner e seus colegas atuaram.

Um acervo de possibilidades

O IPPUC mantinha uma biblioteca especializada desde a sua fundação e, nos anos 1970, a assinatura de publicações internacionais era uma prática corrente, conforme confidenciou um dos seus diretores (MEDEIROS, 2021, p. 270). O estudo do IPPUC para um sistema integrado de transporte de massa para Curitiba, apresentado em 1969, cita uma edição especial da *Architectural Forum* do ano anterior (IPPUC, 1969). Bongestabs contou que “acompanhava o que acontecia no mundo” através de publicações estrangeiras, particularmente a *L’Architecture d’Aujourd’hui*, presente no acervo do seu escritório (BONGESTABS, 2021).

Além destas coleções menos numerosas, a biblioteca da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, reúne um expressivo acervo de revistas estrangeiras de arquitetura. A coleção desta biblioteca contém edições anteriores à própria criação do curso de arquitetura e urbanismo daquela instituição, em 1962, então dirigida aos acadêmicos do curso de engenharia civil. Os exemplares da norte-americana *Architectural Record* remontam a 1945; os da *Progressive Architecture*, também norte-americana, remontam a 1950; a francesa *L’Architecture d’Aujourd’hui* tem exemplares desde 1951; as italiana *Domus* e *Casabella* também datam dos anos 1950 – a primeira com exemplares desde 1954 e a segunda, desde 1958; já a italiana *Abitare* e a norte-americana *Architectural Forum* remontam ao início dos anos 1970; e a britânica *Archi-*

³ Como exemplo emblemático, ainda que aleatório, recorremos aos artigos de e sobre Robert Venturi: apenas na década de 1960, o nome do projetista e teórico norte-americano apareceu nas revistas *Progressive Architecture* (1961, 1963, 1964, 1965 e 1967); *Casabella* (1963); *Architectural Forum* (1960, 1963 e 1967); *Architectural Review* (1966 e 1968); *Architectural Design* (1967 e 1969); *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1967) e *Domus* (1967. cf. VSBA, 2021). Com a construção da casa projetada para Vanna Venturi (1962-1964) e sobretudo depois da publicação de *Complexidade e Contradição em Arquitetura* (1966), historiadores importantes trataram do trabalho de Venturi nestas revistas, a exemplo de Peter Blake que resenhou o livro na *Architectural Forum* de junho de 1967 – um exemplar que consta da coleção da biblioteca da Federal.

tectural Design conta com exemplares desde 1978. Estes títulos, ainda que possam ter sido incorporados ao acervo mais tardiamente, revelam a disponibilidade local de publicações de prestígio, que faziam circular ideias e imagens seminais.³ Assim, de maneira ilustrativa, trata-se de descortinar possibilidades de conexões e oportunidades de construção de conhecimento a partir daquilo que circulava através de publicações estrangeiras contemporâneas.

Livros daquele período, muitos deles em edições contemporâneas, no idioma original, também fazem parte do acervo da UFPR. Este é o caso da edição de 1961 do livro de Jane Jacobs, *The death and life of great american cities*; e da edição de 1964 de *Notes on the synthesis of form* e a de 1977 de *A pattern of language*, ambos de Christopher Alexander; e de *Une utopie réalisée*, que Yona Friedmann publicou em 1975; ou ainda da tradução espanhola de *Teoría y diseño arquitectónico en la era de la máquina*, de Reyner Banham, publicada no ano da primeira edição original em inglês, 1960. Outras obras apareceram em edições posteriores, mas, ainda assim, recentes naquele momento, como a versão de 1971 de *Design with nature*, que Ian McHarg publicara em 1969; a versão de 1965 de *Intentions in architecture*, que Christian Norberg-Schulz publicara originalmente em 1962; e a versão espanhola de *Dimensiones de la arquitectura: espacio, forma y escala*, de 1978, originalmente publicado por Charles Moore e Gerald Allen em 1976.

Entretanto, textos pós-modernistas seminais originalmente publicados no início e meados dos anos 1960 tardaram a repercutir no Brasil. Com efeito, as obras de Aldo Rossi, Kevin Lynch, Robert Venturi, Vittorio Gregotti, Charles Moore, figuram na coleção em edições dos anos 1970. *A imagem da cidade*, publicado por Lynch em 1960, apareceu em edições espanhola e francesa, ambas de 1976; o livro de Venturi, de 1966, conta com um exemplar em espanhol, de 1978, e outro em inglês, de 1977; o de Rossi, *A arquitetura da cidade*, de 1966, tem exemplar de 1977; *Território da arquitetura*, que Gregotti também publicara em 1966, conta com exemplares de 1972 (em espanhol) e de 1975 (em português). Pois quando *Complexidade e contradição* foi originalmente publicado, os arquitetos brasileiros e as escolas de arquitetura no país mostraram pouco interesse na abordagem pós-modernista. Em geral, críticas à arquitetura modernista encontravam um ambiente pouco receptivo em meio ao efeito do 'milagre econômico', com taxas de crescimento extraordinárias e o estímulo governamental a grandes obras, responsáveis pela imagem potente do país em

desenvolvimento. Adequado, o brutalismo paulista era então expressão arquitetônica hegemônica. A vigorosa produção arquitetônica modernista e o regime repressivo da ditadura militar contribuíram para a insularidade do país e o descompasso com o pensamento internacional (cf. GOLD et al, 2019, p. 536).

É verdade que Lerner reconheceu a arquitetura do norte-americano Paul Rudolph como referência para o projeto de sua casa, em particular o volume texturizado da caixa d'água em concreto aparente (1963-1966. cf. SUZUKI, 2013). Mas é igualmente verdade que havia um certo menosprezo pela arquitetura pós-modernista, notável na zombaria frequente entre os modernistas que a consideravam uma "arquitetura de moda". Lerner gracejou dizendo que "o que acabou vingando mesmo, pelo menos em Curitiba, foi o 'poste moderno'". O urbanista se referiu aos postes de madeira usados na iluminação pública que, ao serem substituídos por postes de concreto, foram reciclados e reutilizados (no começo dos anos 1990) em edifícios e parques da cidade, resultado de uma "disposição inicial (...), de ordem estética, de trabalhar com a madeira" – uma atitude de Lerner que em si já é pós-modernista (cf. LERNER, 2011, p. 61).

De todo modo, para o escopo deste artigo, destacamos da coleção obras ligadas à crítica ao modernismo, como os trabalhos de Jacobs, de Venturi, e de Manfredo Tafuri (*De la vanguardia a la metrópoli*, 1972; *Architettura contemporanea*, 1976; e *Teoria e histórias da arquitetura*, 1979); obras ligadas à abordagem contextual e à perspectiva histórica, como as de Gregotti, Rossi, e Lynch; e obras relacionadas a questões metodológicas e formulações propositivas, como as de Alexander, McHarg, Geoffrey Broadbent, e Norberg-Schulz.

Contexto é um termo introduzido no vocabulário arquitetônico nos anos 1960 como parte da primeira crítica substancial à prática modernista (FORTY, 2013, p. 132). Como bem notou Retto Junior (2020, p. 4), as três obras – *L'architettura della città*, *Complexity and Contradiction in Architecture* e *Il territorio dell'architettura* – abordam a relação entre objeto arquitetônico e seu entorno com aberturas disciplinares para a semiologia, o estruturalismo e a geografia histórica, envolvendo morfologia urbana, tipologia edilícia e o significado na arquitetura, e discutem a questão da linguagem e o papel da história, ou da cultura disciplinar anterior, na operação projetual.

O livro de Alexander, *Notes on the synthesis of form*, trata de uma teoria do processo projetual na qual uma forma responde ao contexto das demandas e necessidades humanas que a convocaram.

“It is for this reason that forms from traditional un-self-conscious cultures, molded not by designers but by the slow pattern of changes within tradition, are so beautifully organized and adapted. When the designer, in our own self-conscious culture, is called on to create a form that is adapted to its context he is unsuccessful, because the preconceived categories out of which he builds his picture of the problem do not correspond to the inherent components of the problem, and therefore lead only to the arbitrariness, willfulness, and lack of understanding which plague the design of modern buildings and modern cities” (<https://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674627512>. Cf. ALEXANDER, 1964).⁴

⁴ É por esta razão que formas oriundas de culturas tradicionais não-autoconscientes, moldadas não por designers, mas pelo lento padrão de ajustes na tradição, são tão bem organizadas e adaptadas. Quando o designer, na sua cultura autoconsciente, é chamado para criar a forma adaptada ao contexto, ele não é bem-sucedido porque as categorias pré-concebidas com as quais ele constrói sua imagem do problema não correspondem aos componentes do problema e, portanto, levam somente à arbitrariedade, à vontade, e à falta de entendimento que infestam o projeto de edifícios modernos e de cidades modernas. (Tradução dos autores).

O processo adaptativo a que se referiu Alexander converge com o fazer arquitetônico a partir da observação de construções vernaculares, do entorno físico e do meio social, marcante no trabalho de Candilis, Josic e Woods, com quem Lerner trabalhou em Paris, em 1962. Ainda que o livro de Alexander possa não ter sido lido, o processo de criação da forma arquitetônica adaptada ao contexto foi certamente percebido na prática projetual do escritório parisiense; o Candilis-Josic-Woods era um escritório reconhecido pela premiação no concurso para a criação de um novo bairro para aproximadamente 100.000 moradores em Toulouse-Le Mirail em 1961, e notável pelas edificações no Marrocos, na Argélia e no Irã em anos anteriores (cf. JOEDICKE, 1968; COHEN; ELEB, 2002, p. 332-335; VIANNA, 2018, p. 36). No projeto de habitação popular em Casablanca, os arquitetos lidaram com o clima e os costumes locais, propondo tipologias distintas para moradores muçulmanos, judeus e de origem europeia.

Em *Intenções em arquitetura*, Norberg-Schulz (1965) investigou método de projeto e relacionou a tarefa construtiva (building task) ao controle físico do ambiente (physical control), à disposição das funções (functional frame), ao meio social (social milieu), à simbolização cultural (cultural symbolization) e à conformação final do edifício. E estas variáveis assumem valor e peso distintos em cada projeto, de acordo com a intenção do projetista. Norberg-Schulz reconheceu que a ideia de dar expressão a status e instituições era então relativamente nova na arquitetura contemporânea, já que o funcionalismo havia se esquivado da simbolização (NORBERG-SCHULZ, 1965, p. 119). E é isso que vamos perceber em certos projetos dos arquitetos curitibanos.

Projetos e discurso em perspectiva

A seção anterior mostrou que livros e revistas veiculando ideias de arquitetura e urbanismo que revisaram criticamente formulações modernistas e materializaram o ideário pós-modernista estavam disponíveis e acessíveis em Curitiba. Atentos a um possível contato com estas obras e com sua repercussão, propomos rever três projetos liderados por Lerner para perceber como suas formas, em certa medida, estão em sintonia com aquelas ideias.



Figura 1

Detalhe do mural de Poty Lazzaroto na praça 29 de março com referências à erva mate, ao pinhão e à araucária

Fonte: fotografandocuritiba.com.br, Flavio Ortolan

Praça 29 de março, 1966, e a dimensão simbólica da arquitetura e do urbanismo

“Uma edificação histórica é importante.
A memória como um todo é fundamental.”
LERNER apud POUGY, 2021, p. 84.

A construção da praça em um bairro antigo, próximo ao centro da cidade, foi iniciativa do IPPUC. O projeto de Lerner, Bongestabs e Onaldo Pinto de Oliveira ocupou um terreno acidentado de 10.000m². Evocando o aniversário de fundação da cidade, o projeto configurou uma esplanada com espelho d'água, fonte e monumento. Criou ainda um arrimo em concreto aparente com um painel em alto e baixo relevo, representando aspectos históricos de Curitiba através de imagens, palavras e frases (figura 01).

No espelho d'água afloram placas de concreto que contam os ciclos econômicos do desenvolvimento da cidade. As placas têm mais apelo escultórico que re-

presentativo. Talvez porque, de maneira abstrata, elas podem ser associadas a ideias variadas. Na verdade, Bongestabs conta que, no terceiro ano da faculdade, desenhou um monumento a Santos Dumont com a mesma ideia das placas soltas. E que realizou na praça, com algumas modificações, parte daquele trabalho escolar (cf. BERRIEL; SUZUKI, 2012, p. 74).

Em contrapartida, o painel é constituído de relevos figurativos do artista plástico Poty Lazzarotto – um dos seus primeiros trabalhos em concreto e, possivelmente, seu primeiro mural na cidade. As cenas mostram o encontro de índios com os primeiros colonizadores, a fundação da vila, mineradores, tropeiros, ervateiros, imigrantes europeus e caboclos litorâneos, a pecuária e a agricultura, carroças, bondes e trens, a construção da catedral, a vida no século XX.

A recapitulação da história da cidade e sua valorização através do mural figurativo, em tempos em que o neoconcretismo prevalecia no país, seguiam os passos de um movimento artístico dos anos 1920, o Paranismo, que pretendeu dignificar o Paraná perante os demais estados da federação promovendo seus elementos naturais e recontando suas lendas. De aí a exploração artística de motivos formais derivados da fauna e da flora, como o pinhão – que também pode ser visto no mosaico que pavimenta a Rua XV – e a araucária – o pinheiro do Paraná-, além de ornamentos indígenas.

Relevo artístico e textura no concreto aparente apareceram, respectivamente, na obra de Le Corbusier e de Paul Rudolph, e murais figurativos estamparam paredes da arquitetura modernista no Brasil, principalmente painéis de azulejos. Há que se ressaltar aqui, no entanto, o caráter simbólico do mural de Poty – como o artista ficou mais conhecido. Relevos abstratos nas superfícies de concreto aparente passaram a constituir um ornamento recorrente nos projetos curitibanos, a exemplo da fachada da sede da Petrobrás, no Rio de Janeiro (1968), e do Instituto da Previdência do Estado, em Curitiba (1967). Esta ornamentação transcendia a estética da arquitetura paulista, habilitava a o aspecto comunicativo da arquitetura (lembramos de Venturi) e promovia a interlocução com o usuário. Na praça, o painel figurativo conta a história de Curitiba e evoca sentimento de pertencimento ao valorizar o patrimônio histórico local e estimular a identidade da cidade – no conjunto, tem-se aí um projeto que não diverge das iniciativas e proposições do urbanismo definido por Ellin (1996) como pós-modernista, que tem duas fortes referências vernaculares: a história (historicismo) e o lugar ou sítio (regionalismo).

Poty passou a ser indicado por arquitetos ligados ao grupo de Lerner para incluir painéis e vitrais em seus projetos arquitetônicos. Assim, a imagem comumente difundida da sua obra mostra uma produção ligada ao poder público (particularmente o municipal) que retrata a paisagem urbana de Curitiba e é formada por símbolos regionais, em vários painéis espalhados pela cidade.

A valorização de aspectos locais e símbolos culturais foi uma marca da gestão do Lerner prefeito. No seu livro *Acupuntura Urbana*, Lerner registrou a ideia de que é fundamental “a manutenção ou o resgate da identidade cultural de um local ou de uma comunidade” (LERNER, 2005, p. 13). Em uma entrevista recente Lerner afirmou que

a identidade é um dos componentes mais importantes da qualidade de vida. Mais do que boa infraestrutura, bons equipamentos, é muito importante a pessoa se sentir parte, fazer parte, eu acho que isso é um componente fundamental da identidade curitibana, da identidade de qualquer pessoa numa cidade (LERNER apud FARIA JUNIOR, 2016, p. 137).

A amizade entre Lerner e Poty começou quando o arquiteto sugeriu que a história de Curitiba fosse contada pelo artista por meios dos painéis da praça 29 de Março (LERNER, 2015, p. 77). Para Lerner, a obra de Poty

tem uma identidade clara. Tem uma marca muito clara. [...] Curitiba é o Poty. Curitiba e todos os elementos que marcam a identidade nossa, desde o piso das calçadas, grande parte é a presença do Poty, é a arte do Poty, a paisagem de Curitiba. Quer dizer, quando você vê um desenho do Poty, Curitiba tá presente. Eu tenho um desenho dele que mostra um tubo e toda a história de Curitiba no tubo de embarque. Então, ele retrata, eu diria, ele retrata a identidade curitibana. Ele, em todas as fases, seja como desenho, seja no desenho, na gravura, nos monumentos, no piso, nos murais, está o Poty. O Poty retrata, em vários espaços de Curitiba ele captou a história de Curitiba e também do Paraná. [...] a arte dele representa todos os valores [...] que marcam a identidade curitibana (LERNER apud FARIA JUNIOR, 2016, p. 140).

Desse modo, portanto, a identidade de Curitiba foi construída e comunicada através de representações figurativas na arquitetura, que alteraram a *imagem da cidade* e a percepção que se tinha dela.

Rua XV de Novembro, 1972, e a valorização da rua tradicional e do pedestre

O fechamento da rua XV de Novembro aos automóveis e sua transformação em 'calçadão' decorreu da valorização do pedestre e da rua tradicional como espaço multifuncional. Com a interrupção do tráfego de veículos, o projeto previa que este trecho da rua até as praças vizinhas fosse uniformizado com um único piso e equipado com mobiliário urbano: torre de sinalização, floreiras, bancos, banca de jornal, telefones públicos, lixeiras, luminárias, cobertura diante de bares e restaurantes, mesas e cadeiras.

Em retrospectiva, a valorização do 'coração da cidade' e a criação de ruas para pedestres foram tópicos do VIII CIAM, quando Candilis foi indicado como membro do seu conselho (MUMFORD, 2000, p. 206). Nos anais do encontro de 1951 foi registrado que o 'core' da cidade deveria ser de 'domínio do pedestre'. A criação e espaços para o pedestre já vinho ganhando terreno desde meados dos anos 1950, particularmente a conferência de desenho urbano organizada por Josep Lluís Sert em Harvard em 1956 (MUMFORD, 2018, p. 262). Nos anos 1960, áreas de pedestres eram o foco de pensadores, como Jane Jacobs, que influenciaram uma concepção de cidade mais para as pessoas e menos para os automóveis. Copenhague havia pedestrianizado, com sucesso, uma de suas ruas centrais em 1962, fomentando o debate sobre propostas desta natureza na Europa. A transformação de ruas curitibanas centrais em áreas exclusivas de pedestres havia sido parte das considerações do Plano Preliminar de Urbanismo para Curitiba, elaborado em 1965 sob a coordenação de Jorge Wilhelm (VIANNA, 2017; IP-PUC, 1965).⁵

⁵ Em 1972 Wilhelm organizou em Curitiba uma reunião da União Internacional dos Arquitetos (UIA) que contou com participantes da França, Suíça, Bulgária, Romênia, Hungria, Turquia, Líbano, e União Soviética, o que certamente ajudou a promover Curitiba no âmbito global.

O projeto que levou a cabo a transformação da Rua XV é de autoria de Abrão Assad, contratado pelo IP-PUC, também professor na universidade, e coautor, na equipe liderada por Lerner, do projeto para a *Ponte do Encontro*, uma megaestrutura imaginada para Foz do Iguaçu em 1969 (REGO; JANUÁRIO; AVANCI, 2020). Mas Lerner se refere ao projeto da rua XV de Novembro como sendo um de seus idealizadores e a obra foi realizada durante sua gestão como prefeito de Curitiba (cf. LERNER, 2011; BERRIEL; SUZUKI, 2012. Figura 02).⁶

⁶ No website do Instituto Jaime Lerner consta que a ideia do projeto é de Lerner, Bongestabs e Fincinski, e a arquitetura é de Assad. Cf. <https://en.institutojaimelerner.org/biografia>. Abrão Assad formou-se pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) em 1962, em Ciências Econômicas em 1964 e em Arquitetura e Urbanismo em 1967 (ambos pela UFPR).

Neste projeto, a rua recobrava seu papel econômico e sociocultural menosprezado pelo urbanismo racionalista, e a cidade recuperava a multifuncionalidade. Pois, para Lerner, "a separação das funções na cidade

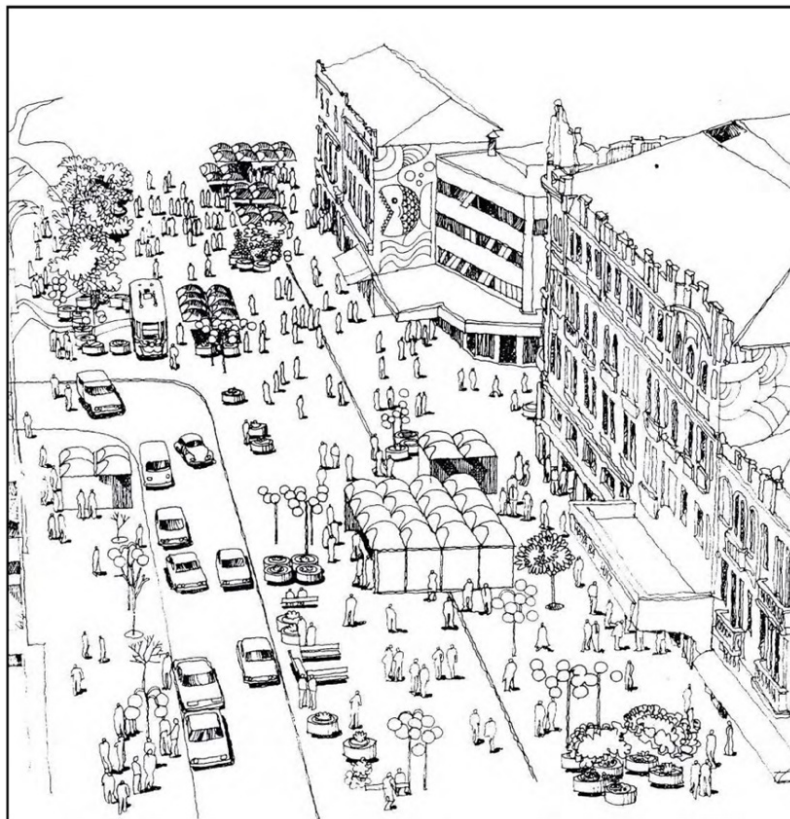


Figura 2

Croquis da proposta para intervenção na Rua XV de Novembro

Fonte: IPPUC

foi um dos maiores desastres do urbanismo contemporâneo” (BERRIEL; SUZUKI, 2012, p. 111. LERNER, 2005, p. 61). E pensar a cidade a partir do pedestre – e reduzir o uso excessivo do automóvel – incrementa a qualidade de vida urbana (cf. LERNER, 2005, p. 93-94).

O interesse de Lerner pela rua tradicional pode ter emergido na Europa, quando, diz ele, “trabalhei no projeto de Toulouse [no escritório de Candilis, Josic e Woods] e comecei a cada vez mais me apaixonar pela rua, não a rua nova, mas as ruas que eu estava vendo, estava sentindo que começavam a desaparecer do país, de todos os países”.

Como notou Avermaete (2003), trinta anos depois da tese anti-rua de Le Corbusier, o Team 10 declarou sua preocupação pró-rua. E, rebatendo Le Corbusier, Candilis fez um apelo pelo restabelecimento da noção de rua em artigo na *L'Architecture d'Aujourd'hui*, edição de abril-maio de 1962 – quando Lerner já estava em Paris.⁷ Como havia escrito Candilis (apud AVERMAETE, 2003, p. 251), cabia

⁷ Deste número, que ainda contém matéria sobre Brasília, a biblioteca da UFPR mantém dois exemplares.

⁸ Restaurar a noção de 'rua' eliminada das realizações recentes. A Carta de Atenas elaborada pelos CIAMs destruiu a velha rua-corredor para a substituir por passagens, trajetos. Mas a 'função rua' permanece um elemento primordial na cidade. É necessário encontrar a 'rua-centro linear' como estrutura de base de um plano urbano. (Tradução dos autores).

"rétablir la notion 'rue' disparue des réalisations nouvelles. La Chartes d'Athènes élaborée par les C.I.A.M. a détruit la 'rue corridor' périmée, pour la remplacer par de passages, des trajets. Mais la 'fonction rue' reste un élément primordial dans la cité. Il faut retrouver la 'rue-centre linéaire' comme structure de base d'un plan urbain."⁸

Já não se tratava de mudar o modo de vida das pessoas, o modelo de produção ou a estrutura da propriedade do solo, mas sim de plantear uma "utopia do possível" (MONTANER, 1995, p. 30), aceitando as preferências e as necessidades das pessoas, dando-se então uma guinada nas pretensões universalistas do urbanismo. Candilis, Josic e Woods trataram as práticas espaciais cotidianas como resultado de lógicas socioculturais próprias (cf. SMITHSON, 1968). A relação entre a forma física da rua e a experiência ambiental era também objeto de reflexão de Kevin Lynch e de Gordon Cullen, ainda que sua perspectiva fenomenológica atribuísse a relação entre forma e experiência especialmente à faculdade da percepção visual (AVERMAETE, 2003, p. 252-253).

A urbanidade das cidades já havia sido objeto de discussão no CIAM 8, realizado em 1951 sob o tema Coação da cidade, expondo fissuras no pensamento do urbanismo vigente e fazendo avançar o dissentimento com a "esterilidade abstrata da cidade funcional" (FRAMPTON, 1992, p. 271). E, no contexto norte-americano dos anos 1960, Jane Jacobs também contribuiu para uma nova visão do espaço urbano, pregando a redução do tráfego de automóveis, o incremento da concentração de pessoas e a diversidade dos usos do solo urbano.

As inadequações notadas no pensamento arquitetônico herdado do movimento moderno levaram o Team 10 a plantear uma abordagem mais complexa, que vislumbrava a necessidade de identidade:

'Belonging' is a basic emotional need – its associations are of the simplest order. From 'belonging' – identity – comes the enriching sense of neighbourliness. The short narrow Street of the slum succeeds where spacious redevelopment frequent fails (TEAM 10 apud FRAMPTON, 1992, p. 271).⁹

⁹ 'Pertencimento' é uma necessidade emocional básica – suas associações são da ordem mais simples. De 'pertencimento' – identidade – vem o sentido enriquecedor de sociabilidade. A curta e estreita rua da favela tem sucesso naquilo que projetos de desenvolvimento fracassam. (Tradução dos autores).

O projeto da rua XV de Novembro tampouco deixou de envolver a questão da identidade urbana – seja pela valorização do patrimônio arquitetônico, seja pela referência a ícones da paisagem local. O pinhão, fruto da Araucária, a árvore símbolo do Paraná, aparece estampado no seu calçamento. A valorização da rua tradicional como expressão da vida urbana local que

Lerner percebeu na prática e no discurso críticos do urbanismo modernista fomentou a discussão da pedestrianização e da valorização de áreas centrais da cidade entre os arquitetos do IPPUC desde meados dos anos 1960 (SOARES, 2017, p. 33).

UEM, 1977, e o meio social

A primeira versão do projeto para o campus da recém-fundada Universidade Estadual de Maringá foi assinada por Lerner, Bongestabs e Marcos Prado Arquitetos em 1971. Ela apresenta uma megaestrutura modelando a paisagem. Tratam-se de dois pares de blocos paralelos que se curvam para criar uma praça. A praça configurou o ponto focal do projeto, contendo o edifício escultórico do auditório, além da reitoria e da biblioteca (figura 03).

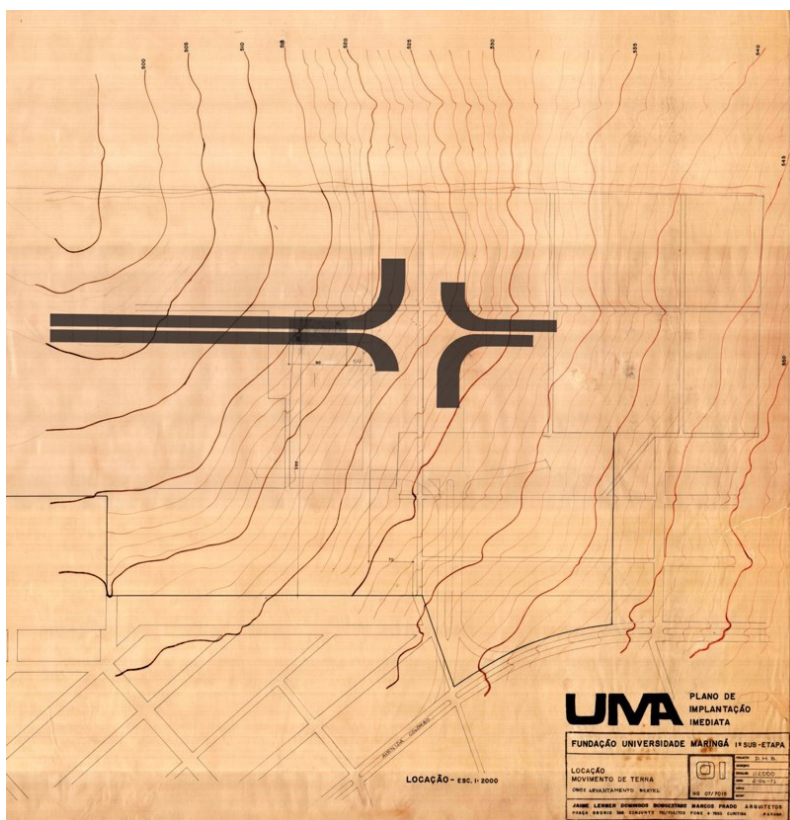


Figura 3
Prancha com implantação do projeto da UEM (destaque para os longos blocos em negrito)
Fonte: Avanci, 2016

Um par de blocos, destinado ao uso pedagógico, se estendia por mais de 600 metros; o outro, destinado ao uso administrativo, media pouco mais de 200 metros, ambos com possibilidade de extensão 'ilimitada'. Apesar deste conjunto de edifícios estar organizado em torno de uma espécie de 'centro cívico', a forma

alongada dos blocos remete diretamente ao Instituto Central de Ciências (ICC), o principal edifício acadêmico da UnB. Projetado por Niemeyer em 1963 e finalizado em 1971, o ICC é um bloco curvilíneo duplo de aproximadamente 700 metros de comprimento. A criação de um 'lugar' na parte central do projeto de Lerner, contudo, não elude o tratamento modernista da arquitetura como um objeto autônomo, uma forma monumental indiferente ao seu entorno físico (REGO; JANUÁRIO; AVANCI, 2020).

Custos e dificuldades construtivas acabaram por levar à rejeição da proposta inicial para o campus da UEM. Além disso, a aparente simplicidade formal pouco

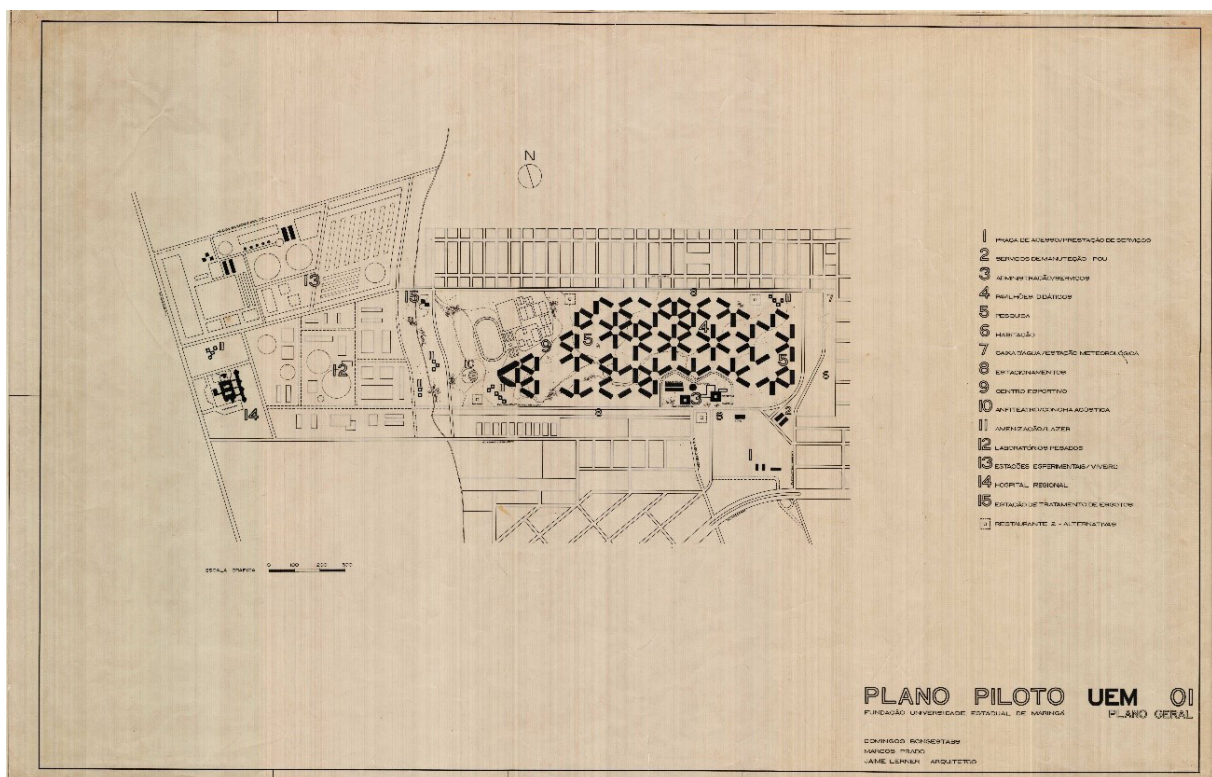


Figura 4
 Prancha com implantação do projeto da UEM (destaque para a rede de blocos em negrito)
 Fonte: Avanci, 2016

respondia à necessidade de zoneamento e setorização das atividades, principalmente ao se considerar a expansão linear da forma. A segunda versão da proposta, assinada por Bongestabs, Prado e Lerner Arquitetos em 1977, substituiu a forma linear por uma estrutura em rede (figura 04).

A rede foi a base geradora do novo layout do campus. Ela estava formada blocos retangulares dispostos em três eixos oblíquos que geravam espaços triangulares e nós hexagonais. Os espaços triangulares serviam

como pátios abertos e os nós hexagonais abrigavam auditórios, lanchonetes e instalações sanitárias. Os blocos retangulares de 60 por 15 metros deveriam ser construídos com materiais tradicionais, como tijolo cerâmico aparente e telhado de duas águas convencional. Não há hierarquia ou diferenciação entre os blocos da rede geométrica, homogênea, aberta, e sem um centro definido. Reitoria, biblioteca, capela, restaurante e auditório têm conformação específica, separada da rede, porém com menor importância diante dos *clusters*, que são o coração da vida comunitária. Ainda que contrastante com o tecido urbano adjacente, a rede imaginada para o campus da UEM associa edificações e espaços livres e, com isso, mostra uma visão mais abrangente do projeto arquitetônico, atingindo a escala da cidade.

Candilis, Josic e Woods haviam desenvolvido ideia similar na proposta para o campus da Universidade Livre de Berlim, em 1963 – ano seguinte à atuação de Lerner no escritório parisiense do trio. A ideia de rede permitiu que diferentes atividades e espaços fossem tramados em um tecido contínuo. O projeto de Candilis, Josic e Woods para a cidade de Toulouse, desenvolvido entre 1962 e 1967 e no qual Lerner trabalhou, recorreu às noções de *cluster* e ao que seria mais tarde entendido por *mat-building*. Na verdade, este layout está relacionado com as noções de célula (*cell*), ramo (*stem*), grupo (*cluster*) e rede (*web*). O termo *mat-building*, cunhado por Alison Smithson em 1974, compreende a ideia de rede que havia sido anteriormente definida por Woods, em 1962 (SMITHSON, 1974). *Mat-buildings* em geral rejeitaram a unidade e a simplificação do objeto arquitetônico para gerar sistemas, e assim articular e associar formas de modo mais complexo e flexível. Isso se nota no campus da Universidade de Toulouse Le Mirail projetado por Candilis, Josic e Woods. Estas estratégias de projeto contemplam estruturas versáteis, adaptáveis ao contexto, seja ele urbano ou natural (REGO; JANUÁRIO; AVANCI, 2020).

A primeira versão do projeto para a UEM é paradigmática do vocabulário da arquitetura modernista no Brasil e da noção de progresso e inovação associada a ela. A segunda versão, em contrapartida, dá menos destaque à forma na medida em que resulta de um sistema de relações entre espaços livres e espaços edificados. O convívio social e a construção de pátios como 'lugares' é ponto forte do projeto. Cada elemento desta composição em rede é materializado por blocos térreos em alvenaria cobertor com telhados de duas águas. O uso de materiais convencionais e

de técnica construtiva tradicional. A conformação da arquitetura do campus, interessada mais na relação com o entorno que no 'objeto' em si, e a seleção dos materiais de construção tampouco destoam do ideário pós-modernista em debate.

Conclusões

Com base em certos aspectos da trajetória, do discurso e da prática profissional de Lerner, a análise dos três projetos aqui relacionados aponta para valores, expressões formais e abordagens projetuais consoantes com a crítica à arquitetura e ao urbanismo modernistas. Livros e revistas que, por um lado, revisaram criticamente as formulações modernistas e, por outro, materializaram o que se denominou pós-modernismo estavam então disponíveis na biblioteca da universidade local. A disponibilidade deste material bibliográfico informa a predisposição para o contato e a assimilação de ideias, assim como as viagens e os encontros interpessoais do professor Lerner. Lerner certamente assimilou ideias em circulação global e, como colaborador e membro do 'grupo do Paraná', compartilhou o conhecimento adquirido na sua trajetória. Ao considerar redes de construção e disseminação do conhecimento, ideias viajantes e sua decorrente adaptação, e a bagagem do projetista, este artigo contribui para o entendimento da circulação de ideias pós-modernistas no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 e sua materialização no contexto brasileiro.

O termo pós-modernista foi ironizado por Lerner. Contudo, posturas e condutas de revisão, de inflexão, de 'despedida' e de rechaço da arquitetura e do urbanismo modernistas foram notadas nos projetos aqui apresentados. Ainda que o termo pós-modernista quase sempre evoca uma arquitetura figurativa, ornamentada e *kitsch*, ele também se aplica às críticas endógenas ao movimento moderno, como aquelas feitas pelo Team 10, grupo do qual participaram Candilis e Woods. E a sensibilidade e a atitude dos arquitetos curitibanos são de natureza semelhante. Não se trata de uma reação de todo contrária à arquitetura moderna, mas uma alteração nos seus próprios princípios em consonância com seu tempo e lugar. Notam-se, assim, uma sensibilidade menos resistente à tradição e menos atrelada à inovação radical que aquela vista na expressão arquitetônica então hegemônica no Brasil, cuja estética era fortemente politizada e a retórica, engajada.

É certo que, caso a primeira versão do projeto da UEM tivesse sido aprovada, veríamos lá uma construção de

essência modernista. De toda sorte, o que este artigo tratou de mostrar não foi a exemplaridade de uma regra sem exceções, mas aberturas a novas estratégias projetuais, verificadas pela coincidência e sintonia entre certas ideias em circulação em Curitiba e os projetos de Lerner aqui estudados.

Colaborativa e pragmática, a arquitetura curitibana deste período não é somente dialeto da arquitetura paulista ou sua matéria segunda, mas carrega algo original e mais singular do que se percebeu até então. Ao privilegiar o meio social, a simbolização cultural e o contexto físico como variáveis projetuais, estes projetos deram um passo na direção de uma prática que valorizava aspectos vernaculares. Desde um ponto de vista no presente, esta prática parece conter postulados que hoje estão diretamente relacionados com a noção de sustentabilidade e de qualidade dos ambientes urbanos.

Referências

ALEXANDER, C. *Notes on the synthesis of form*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1964.

AVANCI, R. A. *UEM, campus e planos. Formalizando a universidade planejada*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

AVERMAETE, T. Stem and web: a different way of analysing, understanding and conceiving the city in the work of Candilis-Josic-Woods. In: HEUVEL, D. van den. *Team 10: Between modernity and the everyday*. Delft: TU Delft, 2003. pp. 237-281.

BERRIEL, A.; SUZUKI, J. H. (org.). *Memória do Arquiteto: Pioneiros da Arquitetura e do Urbanismo no Paraná*. Curitiba: IAB-PR: Editora UFPR, 2012.

BONGESTABS, D. H. *Entrevista* (concedida a Renan Augusto Avanci em 13 de novembro de 2021). Maringá: Acervo do grupo de pesquisa Arte, Arquitetura, Cidade, 2021.

COHEN, J.-L.; ELEB, M. *Casablanca. Colonial myths and architectural ventures*. New York: The Monacelli Press, 2002.

ELLIN, N. *Postmodern urbanism*. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1996.

FARIA JUNIOR, W. J. B. DE. *Poty Lazzarotto: contextos, sociabilidade e produção artística*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FORTY, A. *Words and buildings. A vocabulary of modern architecture*. London: Thames & Hudson, 2013.

FRAMPTON, K. *Modern architecture. A critical history*. London: Thames & Hudson, 1992.

GNOATO, L. S. P. *Arquitetura de Curitiba, transformações do Movimento Moderno*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GOLD, J. R., HEIN, C., ORILLARD, C., REGO, R. L.; PÉREZ OYARZUN, F. Complexity and contradiction: in memoriam Robert Venturi. *Planning Perspectives*, 34 (3), pp. 533-538, 2019. <https://doi.org/10.1080/02665433.2019.1587927>.

HEALEY, P; UPTON, R. (ED.). *Crossing borders. International exchange and planning practices*. London: Routledge, 2010.

IPPUC. *Estudo preliminar do metrô de Curitiba*. Curitiba: IPPUC, 1969.

IPPUC. *Plano preliminar de urbanismo de Curitiba*. Curitiba: Prefeitura Municipal/IPPUC, 1965.

JANUÁRIO, I. C. *A arquitetura de Joel Ramalho Junior, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner nos anos de 1970: concursos nacionais, respostas curitibanas*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

JOEDICKE, J. *Candilis Josic Woods. Una década de arquitectura y urbanismo*. Barcelona: GG, 1968.

LERNER, J. *Acupuntura urbana*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LERNER, J. *O que é ser urbanista (ou arquiteto de cidades): memórias profissionais de Jaime Lerner*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MEDEIROS, G. R. *Idealização de cidades e circulação de ideias: o ambiente local e o internacional*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021.

MONTANER, J. M. *Después del movimiento moderno. Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

MUMFORD, E. *Designing the modern city. Urbanism since 1850*. New Haven: Yale University Press, 2018.

MUMFORD, E. *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.

NORBERG-SCHULZ, C. *Intentions in architecture*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1965.

PACHECO, P. C. *A arquitetura do Grupo Paraná*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PACHECO, P. C. *O risco do Paraná e os concursos nacionais de arquitetura 1962-1981*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

POUGY, G. *Curitiba: urbanismo essencial*. Curitiba: Insight, 2021.

REGO, R. L.; JANUÁRIO, I. C.; AVANCI, R. A. Candilis-Josic-Woods: transatlantic ideas and design affinities. *Cadernos ProArq*, 35 (dezembro), pp. 28-45. 2020. <https://doi.org/10.37180/2675-0392-n35-3>.

RETTO JÚNIOR, A. DA S. Anotações acerca do legado do arquiteto italiano Vittorio Gregotti: história, contexto e projeto. *Pós*, 27 (50), pp. 1-13, 2020. e168065. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.posfau.2020.168065>.

SANDOVAL-STRAUSZ, A. K.; KWAK, N. H. (ED.). *Making cities global. The transnational turn in urban history*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018.

SEGAWA, H. Outro programa de passeio, agora em Curitiba. *Projeto*, 89, pp. 31-32, 1986.

SILVA, P. S. B. DA. *Jaime Lerner arquiteto: 1962-1971* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SMITHSON, A. (ED.). *Team 10 primer*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1968. 1 ed. 1962.

SMITHSON, A. How to recognise and read mat-building - Mainstream architecture as it has developed towards the mat-building. *Architectural Design* (Setembro), pp. 573-590.1974.

SOARES, M. J. S. *O espaço do patrimônio na "cidade-modelo": instrumentos, práticas e conflitos no centro antigo de Curitiba*. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SUZUKI, J. H. Um conceito em concreto: residência Jaime Lerner em Curitiba. Trabalho apresentado no X SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL. Curitiba, 2013. pp. 1-9. https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/08/OBR_43.pdf

TAFURI, M. *Architecture and utopia, design and capitalist development*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976. 1 ed. 1973.

WARD, S. V. Planning diffusion. Agents, mechanisms, networks, and theories. In C. Hein (Ed.), *The Routledge handbook of planning history*. London: Routledge, 2018. pp. 70-90.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIANNA, F. B. Revisitando Toulouse Le Mirail: da utopia do presente ao futuro do pretérito. *Pós*, 25 (47), pp. 34-50, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v25i47p34-50>.

VIANNA, F. B. *O Plano de Curitiba. Desdobramento de outro moderno brasileiro. 1965-1975*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
VSBA. *Writings about Venturi, Scott Brown and Associates*. <http://venturiscottbrown.org/bibliography/completebiblio.pdf>. 2021.

ZEIN, R. V. Arquitetos no Paraná, algumas diferenças nas mesmas estórias. *Projeto*, 89 (julho), pp. 28-30, 1986.